

Um período de estabilização no desenvolvimento da competência sintáctica de falantes bilingues

CRISTINA FLORES
Universidade do Minho

1. Introdução

Nas últimas três décadas, o domínio de investigação do Bilinguismo foi enriquecido com o acréscimo significativo de estudos que focam a temática da perda de competência linguística em falantes bilingues. Esta área de pesquisa, conhecida em inglês por *Language Attrition*, termo para o qual assumimos a designação portuguesa «Erosão linguística» parte de uma questão central: será que um falante bilingue perde competência linguística quando deixa de ter contacto activo com uma das suas línguas?

O objecto de estudo desta área de pesquisa é o indivíduo bilingue, designadamente a evolução da sua competência bilingue ao longo da vida, distinguindo-se das correntes sociolinguísticas que estudam o fenómeno de perda de uma língua entre gerações, no seio de uma comunidade multilingue, fenómeno comumente designado de *Language Shift* (de Bot, 1996).

Os mais cépticos poderão questionar por que motivo nos preocupamos com o estudo da perda da língua, se ainda sabemos tão pouco sobre a natureza da sua aquisição. Como realçam de Bot e Weltens (1991), o processo de esquecimento de uma língua está intrinsecamente ligado ao processo de aquisição, pelo que o estudo do primeiro vem indubitavelmente enriquecer o conheci-

mento do segundo. Além disso, o facto de percebermos se é possível o ser humano perder uma língua que adquiriu de forma natural durante a infância constitui um contributo precioso ao entendimento da natureza da nossa mente, nomeadamente do funcionamento da nossa faculdade linguística.

Uma das questões mais salientes no estudo da erosão linguística prende-se com a definição dos factores responsáveis pela perda de proficiência linguística: por que razão um falante perde o domínio de uma língua que adquiriu normalmente?

Entre os factores que têm sido apontados como impulsionadores de ocorrência de erosão (para uma visão geral *cf.* Köpke e Schmid, 2004), a *idade* parece ser a variável mais influente. Todos os estudiosos que focam a questão da perda linguística durante a infância (por exemplo, Cohen, 1989; Hansen e Shewell, 2002; Kaufman, 2001; Kaufman e Aronoff, 1991; Kuhberg, 1992; Nicoladis e Grabois, 2002; Pallier *et al.*, 2003; Seliger, 1991; Tomiyama, 2000; Turian e Altenberg, 1991; Ventureyra *et al.*, 2004) concordam em afirmar que, quanto mais novo for o falante, mais intenso é o processo de esquecimento, podendo-se verificar mesmo uma substituição integral da língua primeira pela língua segunda. Estes casos são sobretudo reportados em estudos que focam crianças adoptadas (*cf.* Pallier *et al.*, 2003; Ventureyra *et al.*, 2004; Nicoladis e Grabois, 2002). Pallier *et al.* (2003), por exemplo, estudaram indivíduos adultos de origem coreana que foram adoptados por casais franceses, durante a infância, tendo concluído que os participantes esqueceram por completo a sua L1, pois não foram sequer capazes de reconhecer o coreano de entre um conjunto de línguas estrangeiras que lhes eram apresentadas.

Os dados obtidos do estudo das crianças contrastam claramente com os resultados apresentados em trabalhos que têm adultos como objecto de estudo. A maioria destes não encontra alterações significativas na competência dos falantes, quando a privação de contacto com uma das línguas se dá apenas em fase adulta (por exemplo, Schoenmakers-Klein Gunnewiek, 1989 e Köpke, 1999). Sabemos que há uma fase da vida em que é mais fácil perder uma língua que adquirimos na infância e que, com o passar dos anos, a mente humana se vai tornando mais resistente a processos de erosão. Esta ideia é, de facto, sugerida por muitos autores (*vide* Hakuta e d'Andrea, 1992), no entanto, carecem os estudos que apresentem os dados necessários à delimitação do limite etário, a partir do qual a

nossa competência linguística tende a tornar-se mais impermeável a fenómenos de erosão.

O presente trabalho pretende colmatar este vazio através da comparação de falantes bilingues que perderam o contacto com uma das suas línguas em diferentes idades, tentando, deste modo, definir qual a fase etária em que o conhecimento linguístico, especificamente a competência sintáctica dos falantes, se torna mais resistente a processos de perda. O aspecto linguístico sob observação será a ordem do verbo na frase alemã.

2. Hipótese: um período crítico para a estabilização da competência linguística

As diferenças observadas entre crianças e adultos no que diz respeito à perda de competência linguística encontram um paralelo evidente no campo da aquisição da língua. Sabemos que as crianças aprendem uma segunda língua com muito mais facilidade que os adultos. Com o avançar dos anos, a capacidade de aprendermos uma nova língua de forma nativa declina consideravelmente (Hyltenstam & Abrahamsson, 2003; Long, 1993; Meisel & Möhrig, 2003), mas, como vimos, com o passar do tempo, também parece tornar-se cada vez mais difícil esquecer uma língua nativa quando se perde o seu *input*.

Os defensores da hipótese de existência de um «Período Crítico» para a aquisição da língua (proposto por Penfield e Roberts, 1959, e Lenneberg, 1967) atribuem as diferenças observadas entre crianças e adultos a factores biológicos, sugerindo que a faculdade de aprender uma língua é um exemplo de aprendizagem dependente de maturação biológica, que se desenvolve durante um período crítico. Segundo Lenneberg (1967), a mente humana, ao alcançar o seu estado adulto durante a puberdade, perde plasticidade e a capacidade de reorganização indispensável ao processo de aquisição linguística. Lenneberg, que se refere apenas à aquisição nativa de uma primeira língua, baseia-se na observação de crianças com afasia e crianças surdas, realçando o facto de crianças mais novas terem mais capacidade em recuperar a língua do que crianças mais velhas (Lenneberg, 1967: 142-182). Estudos posteriores à publicação revolucionária de Lenneberg tentaram demonstrar que a idade limite de um período crítico para a aquisição linguística

é muito anterior à puberdade. Além disso, o próprio conceito de período crítico foi reformulado e substituído pela concepção de vários períodos «sensíveis» (*sensitive periods*), durante os quais as diferentes componentes da língua (fonologia, morfologia e sintaxe) são adquiridas de forma gradual (Oyama, 1982; Patkowski, 1982). Findo o período crítico (ou sensível), uma língua (nativa ou segunda) só pode ser adquirida com muita dificuldade, pois uma parte das capacidades cognitivas responsáveis pelo processo de aquisição torna-se inacessível. A aquisição linguística continua a ser possível, mas dá-se através de processos de aprendizagem distintos (*cf.* Meisel, 2007a: 36).

Porém, além de um período crítico para a aquisição da língua, parece existir também um período em que o saber linguístico previamente adquirido se estabiliza na mente humana. Köpke e Schmid (2004), por exemplo, sugerem que «it takes a certain number of years for the L1 to be completely established in the human mind/brain, and [...] before this moment, the L1 can be easily replaced by another language» (Köpke & Schmid, 2004: 20). Do ponto de vista generativo, nomeadamente à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros, isto significaria que as crianças fixam os parâmetros linguísticos de acordo com as regras da(s) língua(s) que as envolve(m), porém, estes mantêm-se vulneráveis durante um certo período de desenvolvimento, necessitando de tempo para se estabilizarem por completo na mente do falante. Se o falante perde o contacto com a língua ainda durante a fase de estabilização, os parâmetros adquiridos mantêm-se instáveis e vulneráveis à ocorrência de erosão.

Segundo vários autores, o período crítico para a aquisição da morfo-sintaxe termina entre os 4 e os 6 anos de idade (*vide* Francis, 1999; Meisel, 2007b), no entanto, apesar de alguns autores sugerirem uma fase crítica de estabilização de saber linguístico, não existem actualmente estudos que apontem para uma idade limite neste domínio. No presente estudo, defendemos que esse limite se situa por volta dos 11 anos de idade, no que se refere aos aspectos sintácticos sob observação.

3. O estudo

O presente estudo foi desenvolvido no âmbito da execução de um projecto de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) através do Programa Operacional Ciência e

Inovação (POCI 2010)¹, em colaboração com o Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.

Os participantes são ex-emigrantes de segunda geração que cresceram num país de expressão alemã (a Alemanha ou a Suíça) e, a certa altura da sua vida, vieram viver para Portugal. A mudança para o país de origem levou a uma alteração substancial nos seus hábitos linguísticos: o alemão, que até então era a língua predominantemente usada, passou a ter um papel marginal nas suas vidas após o regresso, sendo restringido a um contacto mais passivo, maioritariamente apenas através dos meios de comunicação. Todos os participantes adquiriram o alemão em fase precoce da vida (até aos três anos de idade, alguns de forma simultânea desde a nascença), o que nos permite classificá-los como bilingues precoces, que aprenderam a língua alemã de forma muito semelhante aos falantes nativos do alemão. O factor crucial que distingue os participantes é a idade em que vieram viver para Portugal e, conseqüentemente, perderam a exposição regular à língua alemã. Uma parte do grupo deixou o país de acolhimento ainda durante a infância, enquanto que a outra parte já era adolescente quando veio para Portugal. O objectivo central do presente estudo é verificar se estes dois tipos de falantes exibem diferenças substanciais relativamente à sua proficiência sintáctica a nível do alemão, se estas diferenças podem ser interpretadas como evidências de um período de estabilização e, se sim, qual a idade crítica de tal período.

3.1. *Participantes*

O grupo sob observação é constituído por 16 participantes, com idades compreendidas entre os 11 e os 36 anos (média de idades: 20,56). Todos partilham a vivência de um bilinguismo precoce, tendo na sua maioria adquirido o Português enquanto L1, por esta ser a língua falada em família. Com a entrada no infantário ou a ida para uma ama, a partir dos 2/3 anos de idade, o contacto com o alemão viria a intensificar-se e a L2 tornar-se rapidamente a língua mais usada no dia-a-dia. Na maioria dos casos, a decisão de voltar a Portugal foi tomada pelos pais, tendo regressado toda a família, no entanto, alguns participantes vieram para o país de

¹ Projecto POCI/LIN/59780/2004 «O Bilinguismo Luso-Alemão no Contexto Europeu».

origem sem a restante família (os casos de Bruna ou Anita) ou apenas com um membro parental (como o Tiago, que veio só com o pai). A idade de regresso situa-se entre os 7 e os 14 anos de idade (idade média de regresso: 10,41). Esta variável permite a constituição de dois grupos distintos: por um lado o grupo dos participantes que deixaram o país de acolhimento ainda durante a infância (antes dos 11 anos de idade [Grupo 1]), e aqueles que regressaram durante a adolescência, isto é, a partir dos 12 anos [Grupo 2]. Cada grupo é constituído por oito participantes; a idade média de regresso do Grupo 1 é de 8,37 e a do Grupo 2 é de 12,63.

Quanto ao tipo de contacto mantido com o alemão após o regresso, seguindo a tipologia proposta por de Bot *et al.* (1991), podemos defini-lo como «infrequente». Embora muitos dos participantes tenham vindo para Portugal acompanhados de irmãos ou primos, com os quais comunicavam quase exclusivamente em alemão durante a emigração, este hábito rapidamente se perdeu. Todos os 16 falantes afirmaram já não usarem o alemão como língua de comunicação com familiares ou amigos igualmente regressados, pelo que o seu uso tenha sido reduzido a momentos de conversação muito esporádicos e ao consumo de programas televisivos alemães.

Quanto ao tempo de estada em Portugal após o regresso, muitos autores atribuem uma importância crucial a este factor, considerando que efeitos de erosão só serão visíveis a partir de um determinado período sem exposição à língua sob observação. A proposta mais frequente consiste em delimitar um mínimo de 10 anos de afastamento da língua em erosão (*vide* Gürel, 2004: 60). Porém, esta proposta diz respeito aos adultos. Muitos dos estudos conduzidos com crianças mostram que, nesta população, os efeitos de erosão são visíveis pouco tempo depois do falante deixar de estar exposto a um meio linguístico até então dominante. As crianças investigadas por Kaufman e Aronoff (1991), Kuhberg (1992) e Tomiyama (2000) mostraram sinais de variação linguística após 12 a 20 meses de afastamento da língua sob investigação. Em resultado destas observações optámos por definir um período mínimo de 2 anos de estada em Portugal. Assim, o tempo de estada dos participantes vai dos 2;01 aos 23;00 anos. No quadro 1 faz-se uma breve apresentação dos participantes, divididos pelos dois grupos, com indicação da idade que tinham aquando da vinda para Portugal (idade de regresso), a idade que tinham aquando da

entrevista (idade actual) e o tempo que já vivem afastados do meio linguístico alemão (tempo de estada em Portugal):

	Participantes	Idade de regresso	Idade actual	Tempo de estada em Portugal
Grupo 1	Eunice	7	17	9;09
	Helena	7	24	17;08
	Fernando	7	19	12;00
	Rita	8	11	2;11
	Iolanda	9	11	2;01
	Sofia	9	20	11;08
	Irene	10	18	7;00
	Sílvia	10	21	11;03
Grupo 2	Eduarda	12	14	2;10
	Inês	12	34	22;00
	Alice	12	19	7;02
	Paula	12	21	9;09
	Júlia	13	36	23;00
	Bruna	13	20	6;07
	Anita	13	22	8;06
	Carlos	14	22	8;00

QUADRO 1. **Participantes**

3.2. Recolha de dados

Os dados para o presente estudo foram recolhidos no âmbito do projecto «O Bilinguismo luso-alemão no contexto europeu», cujo *corpus* é constituído por entrevistas orais a 60 falantes bilíngues regressados. Para tal, foram criadas situações de comunicação o mais espontâneas possível, durante as quais pedíamos aos participantes para falarem sobre as suas vivências de emigração e remigração e sobre o seu bilinguismo. Para retirar às sessões algum formalismo e conferir-lhes mais naturalidade, muitos encontros decorreram na casa dos participantes, em cafés ou esplanadas. Cada falante foi entrevistado em 2 a 3 sessões, em alemão e em português. Todos os registos foram posteriormente transcritos. A base de registos orais foi completada com alguns testes de gramaticalidade. O presente estudo baseia-se nos registos orais de 16 participantes. Como o objectivo central é analisar a sua competência ao nível da língua que já não usam no seu dia-a-dia, apenas os registos

alemães foram analisados. Os testes de gramaticalidade serviram para confirmar as hipóteses centrais do nosso estudo, sendo discutidos pormenorizadamente em Flores (2008). Por falta de espaço, serão excluídos do presente artigo.

3.3. *A ordem de palavras em alemão: V-2 e OV*

Uma das características centrais da sintaxe verbal alemã é o efeito V2, o qual impõe que o verbo finito se mova para a segunda posição da frase (C°), em orações-raiz, sendo precedido por apenas uma projecção máxima, que poderá ser o sujeito (exemplos 1a/b) ou um constituinte XP de outra natureza (um objecto topicalizado ou um sintagma adverbial, como no exemplo 1c). O sujeito permanece abaixo de V-em-C (no domínio do IP²), quando a posição inicial é ocupada por um elemento não-sujeito.

Por sua vez, o verbo não se move para C°, quando esta posição é ocupada por um complementador, o que sucede em orações encaixadas. Nestas, o verbo finito mantém-se na sua posição-base no final da oração, em Vfinal (exemplo 1d), o que permite classificar o alemão também como língua OV. Segundo uma visão mais clássica, em alemão, o sintagma verbal (VP) e o sintagma flexional (IP) são projecções de núcleo final. A propriedade OV também é visível em orações-raiz que contêm formas verbais complexas³, pois, nestes casos, a forma verbal flexionada move-se para V2, mas a forma infinita mantém-se no final da oração (exemplo 1b):

(1) Exemplos (retirados da base de dados):

a. Ich **heiße** Anita.
 eu **chamo-me** Anita
 (Eu chamo-me Anita.)

b. Ich **bin** in Portugal **geboren**.
 eu [Vaux] em Portugal nascer[]
 (Eu nasci em Portugal.)

² No caso das categorias sintácticas – como os sintagmas e as posições funcionais das projecções sintácticas – optámos por manter as siglas inglesas.

³ Uma das formas verbais complexas mais usadas nas situações de comunicação gravadas é o *Perfekt*, que é constituído por uma forma flexionada, o verbo auxiliar (os verbos *haben* «ter» ou *sein* «ser», apresentados nos exemplos como Vaux), e um participio, a forma não-flexionada (apresentado nos exemplo como Vpart).

- c. Jetzt **bin** ich in der vierten Klasse in Porto.
agora estou eu no quarto ano no Porto
(Agora eu estou no quarto ano no Porto.)
- d. [...] weil er kein Haus **hat**.
porque ele NEG casa tem
([...] porque ele não tem casa.)

3.4. A ordem de palavras em português

Sendo uma língua SVO, o português não exhibe contextos sintáticos de Vfinal, nem possui o efeito V2. Em orações-raiz, o verbo move-se para TP, nunca para o domínio de CP, como em alemão. Além disso, ao contrário do alemão, o português permite adjunções à esquerda de IP e CP. Assim, a ordem XPSV, que é agramatical em alemão, é regular em português. Nas orações encaixadas do português, o verbo também se move para TP, seguindo o sujeito e precedendo o objecto, sequência que é agramatical no alemão. O mesmo se verifica nos contextos com formas verbais complexas, pois, no português, ambas as formas, a flexionada e a não flexionada, se movem para fora do VP, originando sequências SvVO, agramaticais na língua alemã.

4. Resultados

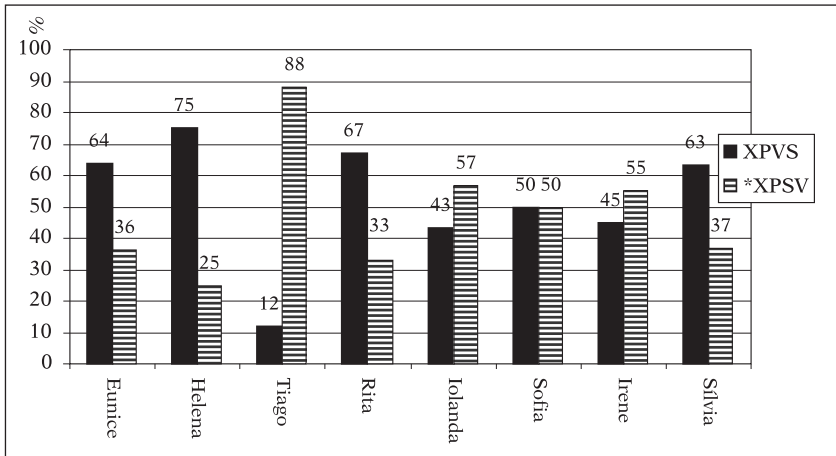
O *corpus* de registos do Grupo 1 tem uma média de 150 orações por falante (varia entre as 49 e as 196 orações). Os participantes que integram o Grupo 2 são mais fluentes ao nível do alemão, produzindo uma média de 235 orações por falante (o número varia entre as 190 e as 348 orações). Para além das frases inteiramente produzidas em alemão, são também contabilizadas as orações mistas, em que pelo menos o verbo e o sujeito são produzidos em alemão. Por sua vez, todas as orações com sujeito nulo são excluídas.

4.1. V2

O primeiro aspecto a analisar prende-se com o domínio que os falantes têm do efeito V2. Para tal, foram contabilizadas todas as orações-raiz que não se iniciam por sujeito, pois apenas essas

permitem testar se o falante conhece as implicações sintáticas associadas a V2. A realização gramatical de V2 implica que o sujeito permaneça na terceira posição, seguindo o verbo (XPVS). Se, pelo contrário, o sujeito se move para a esquerda do verbo, originando a ordem *XPSV, o falante mostra um défice no domínio de V2.

O quadro 2 apresenta os resultados do Grupo 1. A coluna preta indica a percentagem de orações com ordem gramatical (o sujeito permanece abaixo do verbo), enquanto que a coluna tracejada apresenta a taxa de desvios a V2 (*XPSV):



QUADRO 2. GRUPO 1: realização de XPVS – *XPSV (em %)

Antes de analisarmos estes dados, é importante realçar que a maioria dos participantes do Grupo 1 aceitou colaborar no nosso estudo com o reparo de que as entrevistas teriam que ser todas em português. Como tinham vindo para Portugal durante a infância, nalguns casos, há mais de 10 anos, muitos destes participantes não tinham voltado a falar a sua L2 desde o regresso. Por esta razão, consideravam que conseguiriam entender o alemão, mas não seriam capazes de o falar. Porém, após algum receio inicial, foi possível criar situações de comunicação em alemão com todos os oito participantes deste grupo, em muitos casos, para surpresa do próprio participante.

Neste sentido, o primeiro aspecto importante a destacar nos dados apresentados prende-se com o facto de a maioria dos falantes

não usar a sua L2 desde a infância, mas ser capaz de realizar V2 no momento em que o alemão é activado. De facto, como demonstra o quadro 2, todos os participantes são capazes de construir orações XPVS. Alguns exemplos retirados dos *corpora*⁴ provam-no claramente (destacamos a negrito a posição do sujeito e sublinhamos o verbo finito):

(2) a. Helena:

In Portugal will **ich** Deutsch lerne.
 em Portugal quero eu alemão aprender
 (Em Portugal eu quero aprender alemão.)

b. Tiago:

Die letzte Jahr hatte **ich** Deutsch mit Frau Richards.
 no ano passado tive eu alemão com a Sra. Richards
 (No ano passado eu tive alemão com a Sra. Richards.)

c. Rita:

Die Adress weiß **ich** nicht.
 a morada sei eu não
 (A morada eu não sei.)

d. Iolanda:

Manchmal rede **ich** auch Deutsch.
 às vezes falo eu também alemão
 (Às vezes também falo alemão.)

e. Sílvia:

Und das kann **ich** auch.
 e isso sei eu também
 (E isso eu também sei.)

Porém, os dados apresentados no quadro 2 mostram que os participantes também produzem orações que exibem a ordem agramatical *XPSV, com dois elementos à esquerda do verbo. Quanto à taxa de desvios a V2, podemos observar alguma variação entre os participantes, oscilando entre os 25% e os 88%. Falantes como Iolanda, Tiago e Irene produzem mais estruturas desviantes do

⁴ Os exemplos contêm erros lexicais e morfológicos que serão transcritos tal como foram produzidos pelos falantes, mas que são ignorados na presente análise por não constituírem o nosso objecto de estudo.

que correctas. Já Helena, Eunice, Rita e Sílvia realizam mais vezes orações com a ordem correcta do que a incorrecta.

Exemplos (destaca-se novamente o sujeito a negrito e o verbo em sublinhado):

(3) a. Helena:

*In meine Haus **ich** spreche Portugiesisch nur.
em casa eu falo português só
(Em casa eu só falo português.)

b. Tiago:

*In der Beginn **sie** kommen nicht.
inicialmente eles vieram NEG
(Inicialmente eles não vieram.)

c. Rita:

*Jetzt **sie** heiraten.
agora eles casam-se
(Agora eles casam-se.)

d. Iolanda:

Wenn ich Geburtstag machen, ***er** gibt mir immer was.
quando eu anos faço ele dá-me sempre algo
(Quando eu faço anos ele dá-me sempre qualquer coisa.)

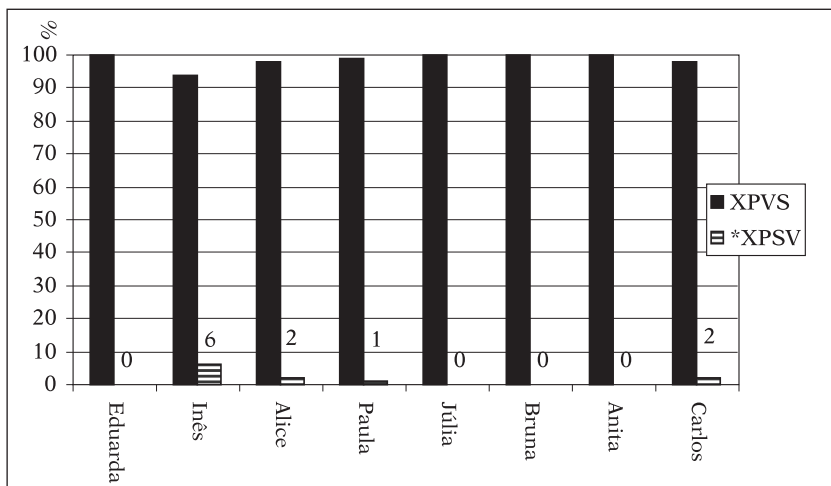
e. Sílvia:

*Das **ich** sagte a paar Mal
isso eu disse algumas vezes
(Disse-o algumas vezes.)

Neste contexto, o elemento que mais frequentemente surge na primeira posição, antecedendo o sujeito, é um sintagma adverbial, no entanto, as estruturas desviantes do tipo *XPSV também ocorrem com um objecto topicalizado (*OSV, como no exemplo 3e) ou com orações encaixadas (como em 3d).

O quadro 3 apresenta os resultados referentes ao Grupo 2, os participantes que vieram para Portugal já adolescentes (ver adiante).

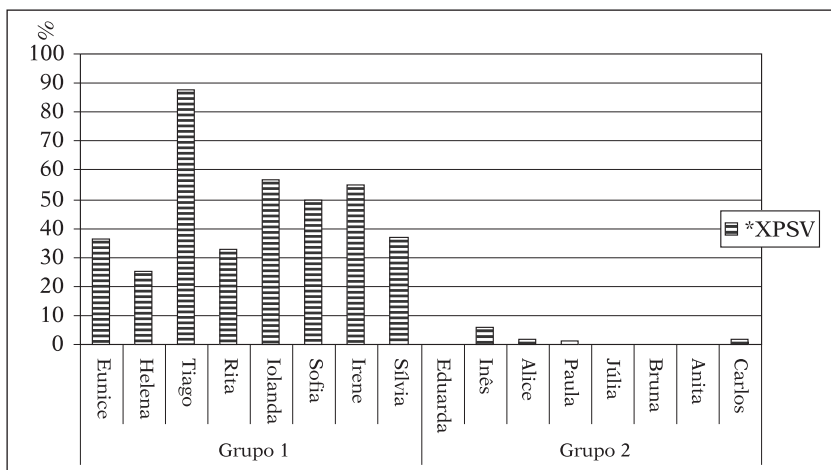
Neste caso, podemos constatar que a percentagem de desvios a V2 é insignificante. Metade dos participantes que integram este grupo não cometeram nenhum erro relacionado com o efeito V2.



QUADRO 3. GRUPO 2: realização de XPVS - *XPSV (em %)

Nos restantes falantes, a taxa de desvios situa-se entre 1% e 6%. Alice e Paula constroem 1 oração do tipo *XPSV (contra 63 e 52 orações XPVS, respectivamente), Carlos 2 (contra 87 XPVS) e Inês 4 (contra 67 ocorrências XPVS).

A comparação directa dos resultados de ambos os grupos (apresentada no quadro 4) revela uma nítida diferença no que se



QUADRO 4. Grupos 1 e 2: desvios a V2 (*XPSV)

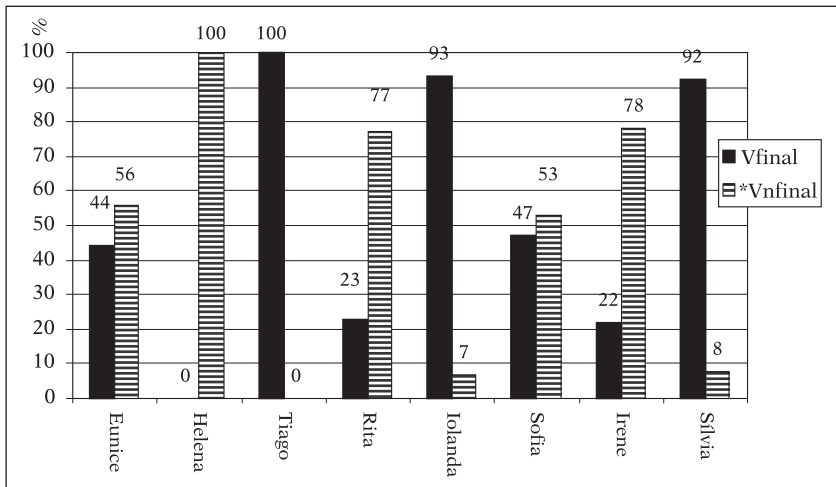
refere à proficiência sintáctica dos dois tipos de participantes. Os falantes que regressaram a Portugal durante a infância revelam muito mais dificuldades na realização do efeito V2, exibindo taxas significativas de desvios sintácticos.

4.2. OV

A análise da propriedade sintáctica OV baseia-se em dois tipos de contextos: 1) orações encaixadas introduzidas por um complementador⁵; 2) formas verbais complexas. Relativamente ao primeiro contexto, o falante demonstra dominar o parâmetro OV quando produz orações encaixadas com o verbo em posição final (Vfinal). O movimento do verbo para uma projecção acima de VP é sinal de debilidades no domínio de OV. A estrutura resultante deste movimento é marcada como *Vnfinal. O mesmo se observa relativamente às formas verbais complexas: se, em orações-raiz, a forma não flexionada se mantém em posição final de oração e apenas a flexionada se move para V2 (SvXPV), o falante demonstra dominar o parâmetro OV. Já o movimento de ambas as formas verbais para fora do sintagma verbal (*SvVXP) é indicativo de debilidades no domínio desta propriedade sintáctica.

Relativamente ao posicionamento final do verbo em orações encaixadas (quadro 5), os resultados do Grupo 1 vão ao encontro dos dados extraídos da análise da propriedade V2. Com excepção de Helena, todos os outros participantes demonstram estarem conscientes da propriedade Vfinal, uma vez que constroem orações encaixadas com o verbo em posição final de frase.

⁵ Optámos por excluir as orações introduzidas por *weil* («porque»), uma vez que, actualmente, no alemão falado, existe alguma variação relativamente a este tipo de oração causal: tanto é construída com V2 como com Vfinal. Alguns autores defendem que a opção entre a construção de uma oração encaixada ou de uma oração V2 é regulada por critérios pragmáticos (Watzinger-Tharp, 2006). Não está, portanto, relacionada com algum eventual défice de conhecimento sintáctico.



QUADRO 5. GRUPO 1: realização de Vfinal – *Vfinal (em %)

Exemplos (o verbo está em negrito):

(4) a. Eunice:

Ich hoffe, dass es positiv **ist**.
eu espero que isso positivo é
(Espero que seja positivo.)

b. Tiago:

Als wir nach Portugal **kamen**,...
quando nós para Portugal viemos
(Quando viemos para Portugal,...)

c. Iolanda:

(...eine Schule), wo ich Portugiesisch **rede**.
onde eu português falo
(...uma escola, onde eu falo português.)

d. Sofia:

Wenn die Enkel mit ihren Großeltern **rausgehen**, ...
quando os netos com os seus avós saem
(Quando os netos saem com os avós,...)

e. Irene:

Wenn wir Müll **aufgeben**⁶...
quando nós lixo levamos
(Quando levamos o lixo, ...)

⁶ Escolha lexical errada. A falante pretende dizer «Wenn wir Müll **wegbringen**».

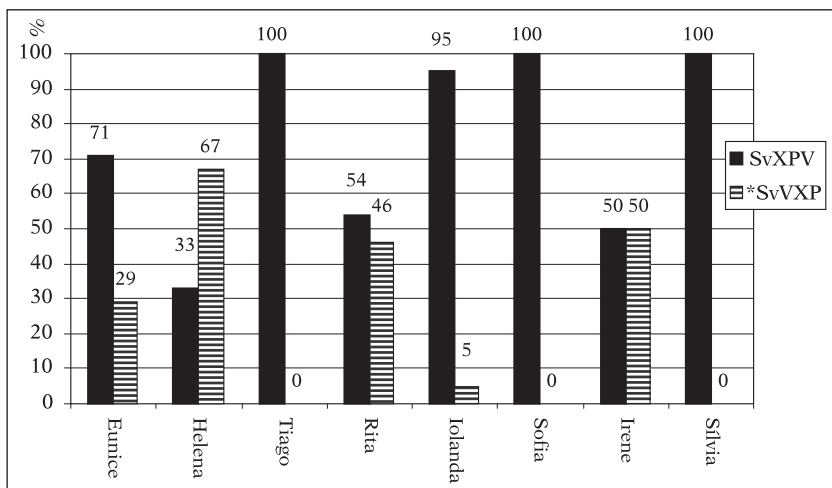
Contudo, Tiago é o único falante do Grupo 1 que não apresenta erros relacionados com a ordem verbal em orações encaixadas. Todos os outros participantes apresentam uma co-ocorrência de construções gramaticais e agramaticais. Em alguns contextos mantêm o verbo em posição final de frase e noutros movem-no para fora de VP, como exemplificado em (5):

- (5) a. Eunice:
 (Ich glaube schon,) *dass portugiese Ärzte **sind** gut.
que médidoc portugueses são bons
(Eu penso que os médicos portugueses até são bons.)
- b. Rita:
 *...,damit sie **kann** essen.
para que ela possa comer
- c. Iolanda:
 ...und sagen *dass die die **willen** immer Geld.
que eles eles querem sempre dinheiro
(...e dizem que eles só querem dinheiro.)
- d. Irene:
 *Wenn wir **willen** in nen Platz gehen,...
quando nós queremos a um lugar ir
(Quando queremos ir a algum sítio, ...)
- e. Sílvia:
 *Aber wenn ich **muss** rede,...
mas quando eu tenho falar
(Mas quando tenho que falar,...)

Os exemplos retirados do *corpus* de Eunice e Irene [(4/5a) e (4/5d)] mostram que o posicionamento correcto/incorrecto do verbo flexionado não depende do tipo de oração encaixada ou da classe de complementador que introduz a oração. Nos dois exemplos apresentados, Eunice constrói orações completivas, introduzidas por *dass* («que»), porém, em (4a) deixa o verbo na posição gramatical, enquanto que, em (5a) move-o para uma posição incorrecta. Os registos de Irene apontam para a mesma conclusão: a falante tanto produz orações temporais, introduzidas por *wenn* («quando»), com a ordem gramatical (4d), como move o verbo para um posição agramatical (5d).

O quadro 6 mostra os resultados relativos à produção de formas verbais complexas (o *Perfekt* ou construções com verbos modais).

Neste domínio verificamos que 3 falantes não fazem qualquer erro relacionado com a posição do verbo e 1 participante apresenta 95% de construções correctas. Nos outros 4 casos, os resultados são semelhantes aos que foram apresentados em relação a V2 e a OV em orações encaixadas. Os participantes produzem os dois tipos de estruturas: sequências SvXPV gramaticais e sequências agramaticais do tipo *SvVXP.



QUADRO 6. GRUPO 1: realização de SvXPV – * SvVXP (em %)

Seguem alguns exemplos (as formas verbais flexionada e não-flexionada encontram-se realçadas a negrito):

(6) Eunice:

a. Ich **habe** drei Jahre in der Kindergarten **gewesen**.
eu [Vaux] três anos no infantário [estar Vpart]
(Eu estive três anos no infantário.)

b. *Zu Hause ich **habe** **gesprochen** Portugies.
em casa eu [Vaux] [falar Vpart] português
(Em casa eu falava português.)

(7) Helena:

a. In Portugal **will** ich Deutsch **lerne**.
em Portugal quero eu alemão aprender
(Em Portugal queria aprender alemão.)

- b. *Ich **wollte haben** Deutsch.

eu queria ter alemão
(*Eu queria ter alemão.*)

(8) Rita:

- a. Ich **kann** nicht so gut **sprechen**.

eu sei NEG tão bem falar
(*Eu não sei falar assim tão bem.*)

- b. *ich **bin geboren** in Bremerhaven.

eu [Vaux] [nascer Vpart] em Bremerhaven
(*Eu nasci em Bremerhaven.*)

(9) Iolanda:

- a. Dann **hat** vielen Menschen vielen Menschen da **gegeben**.

depois [Vaux] muitas pessoas muitas pessoas lá [ir Vpart]
(*Depois muitas, muitas pessoas foram lá.*)

- b. *Wir **haben geschrieben** in Deutsch.

nós [Vaux] [escrever Vpart] em alemão
(*Nós escrevemos em alemão.*)

(10) Irene:

- a. Ich **habe** Deutsch **gewählt**.

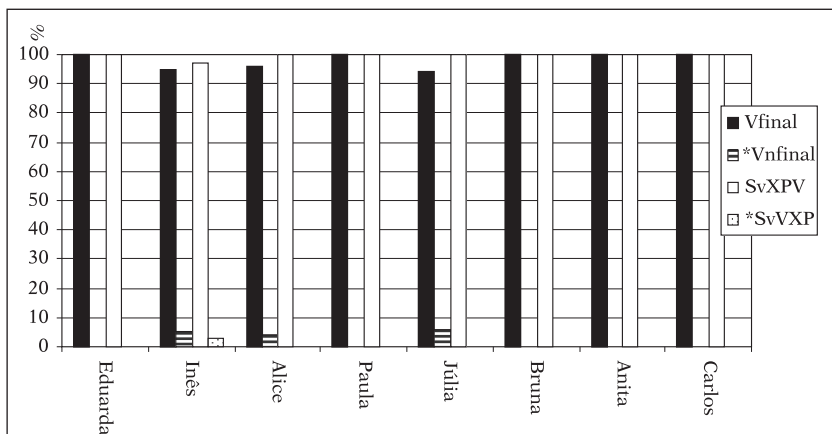
eu [Vaux] alemão [escolher Vpart]
(*Eu escolhi alemão.*)

- b. *Ich **wollte gehen** zu Deutschland.

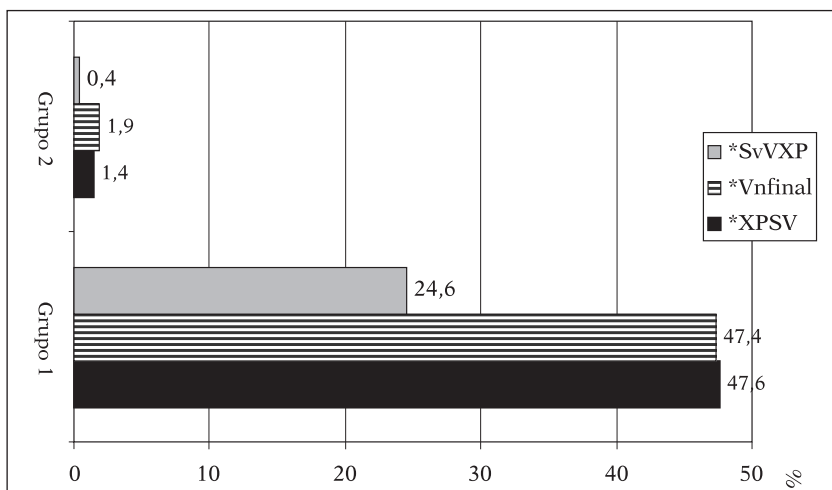
eu queria ir para a Alemanha
(*Eu queria ir para a Alemanha.*)

Também neste domínio, o desempenho do Grupo 2 contrasta visivelmente com os dados do Grupo 1. Como demonstra o quadro 7, a taxa de desvios a OV é insignificante no caso dos falantes bilíngues que vieram para Portugal já adolescentes. A maioria destes participantes não comete erros relacionados com a posição final do verbo e aqueles que apresentam desvios a OV, fazem-no em grau muito reduzido (à volta de 5%).

Resumindo os dados anteriores, o quadro 8 apresenta a média de erros sintácticos nos três contextos discutidos em ambos os grupos. É de realçar a alta percentagem de desvios sintácticos nos contextos V2 e Vfinal em orações encaixadas, no Grupo 1: 47,6% e 47,4%, respectivamente. No que concerne as formas verbais complexas, o verbo (neste caso a forma não flexionada) é incorrectamente posicionado em 1/4 de todos os contextos. No Grupo 2, a média de desvios nos três contextos é inferior a 2%.



QUADRO 7. GRUPO 2: realização de Vfinal/*Vnfinal e SvXPV/*SvVXP (em %)



QUADRO 8. Média de desvios por grupo (*XPSV, *Vnfinal,/*SvVXP)

5. Discussão

Os dados apresentados revelam diferenças significativas entre os participantes que vieram para Portugal durante a infância e aqueles que regressaram já adolescentes, o que realça a importância do factor *idade* no processo de erosão. Enquanto que os últimos apresentam um domínio quase perfeito das regras de posiciona-

mento verbal, mesmo aqueles que já vivem em Portugal há mais de vinte anos (como no caso de Inês), os primeiros mostram bastantes debilidades relativamente aos aspectos sintácticos observados, mesmo aqueles que deixaram a Alemanha há pouco mais de 2 anos (os casos de Iolanda e Rita). O contraste observado entre os vários participantes revela que o período em torno dos 11 anos de idade constitui uma fase crítica no desenvolvimento da competência linguística. Nenhum dos participantes que veio para Portugal aos 12 anos de idade comete erros sintácticos em número significativo. Pelo contrário, todos os falantes que tinham menos de 11 anos quando deixaram a Alemanha/Suíça apresentam uma alta taxa de variação relativamente à posição do verbo nos contextos discutidos.

Todavia, torna-se indispensável discutir mais pormenorizadamente a proficiência dos participantes regressados durante a infância. Apesar da percentagem de ocorrência de desvios sintácticos ser muito significativa neste grupo de falantes, seria errado afirmar que estes perderam o domínio das regras sintácticas associadas a V2 e OV. Ainda que em diferentes graus, os falantes foram capazes de construir contextos sintácticos nos quais as regras em discussão foram correctamente aplicadas. Como já havia sido realçado, muitos participantes não falavam alemão há vários anos e estavam mesmo convencidos de que não seriam capazes de o fazer, mas quando conseguiram activar o seu alemão, conseguiram aplicar as regras associadas a V2 e OV. Este facto demonstra que os falantes do Grupo 1 continuam a dominar as regras de posicionamento verbal, no entanto, não são capazes de as aplicar de forma consequente em todos os contextos durante a situação de comunicação em alemão. Por outras palavras, os parâmetros sintácticos, fixados nos valores do alemão durante o processo de aquisição, não parecem ter sido apagados da mente do falante, porém, este demonstra uma grande instabilidade relativamente à sua realização. Já os falantes do Grupo 2, que, em muitos casos, apresentam um período de estada em Portugal – e consequente falta de contacto activo com a L2 – mais elevado que os participantes do Grupo 1, não apresentam qualquer debilidade na aplicação destas regras. É de realçar que todos os falantes adquiriram o alemão da mesma forma (de forma precoce nunca depois dos três anos de idade), pelo que as divergências observadas entre estes dois grupos não possam ser atribuídas a eventuais diferenças no processo de aquisição. Pressupõe-se que, aos sete anos de idade, aquando da entrada na escola primária,

estes falantes já tenham concluído a aquisição da sintaxe alemã. Esta situação é comprovada em estudos conduzidos com crianças imigrantes que começam a adquirir a L2 por volta dos 3 anos de idade (*vide* o estudo de Rothweiler (2006) com crianças turcas a adquirirem o alemão). Além disso, na entrevista inicial, todos os falantes afirmaram não ter tido qualquer tipo de dificuldades com a língua alemã durante a frequência da escola no país de acolhimento⁷, tendo mesmo considerado o alemão a língua que dominavam melhor. Assim sendo, a instabilidade observada no Grupo 1 ao nível da sintaxe alemã, tem de ser interpretada como consequência de um corte precoce com a língua, numa fase em que esta ainda estava a estabilizar-se na mente do falante. Este facto suporta a hipótese da existência de uma fase de estabilização que segue o período de aquisição e parece terminar por volta dos 11 anos de idade. Após a sua completa estabilização, a competência sintáctica do falante parece já não ser susceptível à perda de contacto. Nenhum falante entrevistado que deixou de estar regularmente exposto ao alemão a partir dos 12 anos apresenta variação sintáctica relativamente à ordem do verbo na frase. No entanto, no caso dos falantes que perderam o *input* da língua ainda durante a fase de estabilização, os seus parâmetros sintácticos (pelo menos os parâmetros de posicionamento verbal) mantêm-se instáveis. Esta instabilidade manifesta-se no facto de os participantes do Grupo 1 produzirem, na mesma situação de comunicação, sequências gramaticais, que seguem as imposições sintácticas do alemão, e sequências que as violam. Nestes casos, os desvios sintácticos são, indubitavelmente, influenciados pela língua dominante, o português. Como vimos em 3.4., as sequências resultantes da violação das regras de posicionamento verbal do alemão são gramaticais em português. Não exibindo o efeito V2, no português, a ordem XPSV é regular. Além disso, o português é uma língua SVO e, por isso, não dispõe da propriedade sintáctica Vfinal. Logo, o movimento do verbo para IP, agramatical nas orações encaixadas e nas formas verbais complexas do alemão, em português é gramatical. Este facto parece indiciar que os falantes oscilam entre a aplicação das regras de posicionamento verbal do português e do alemão. Em Flores (2008) interpretámos

⁷ Nos casos de Rita e Iolanda dispomos dos seus cadernos escolares do segundo ano, frequentado ainda na Alemanha, os quais comprovam um domínio sintáctico perfeito de ambas as falantes nessa altura da sua vida.

esta oscilação recorrendo às teorias psicolinguísticas de activação/inibição das duas línguas do falante bilingue, interpretação que continuamos a considerar a mais ajustada aos resultados obtidos. As propostas de Grosjean (2001), *Bilingual's Language Modes*, Paradis (1993, 2004), *Activation Threshold Hypothesis* e Green (1986), *Inhibitory Control Model*, assentam na ideia de que o falante bilingue possui um mecanismo de controlo das suas línguas, que regula a sua activação ou inibição numa determinada situação de comunicação. O equilíbrio entre activação e inibição das duas (ou mais) línguas depende de vários factores, destacando-se entre eles a frequência com a qual um determinado item é activado (Paradis, 2004: 28). Segundo Paradis (1993, 2004), quanto mais frequentemente um item linguístico for activado, mais baixo é o limiar neurológico (*threshold*), que regula a sua activação. Ora, neste modelo, a erosão linguística é entendida como o resultado de um prolongado período de falta de estímulo por parte de uma língua, originando um elevado limiar de inibição. A prolongada exposição à língua dominante faz com que o limiar de activação desta língua esteja mais baixo, tornando-a mais acessível. No entanto, a inibição da língua em desuso não implica a sua perda, mas apenas que os itens linguísticos (neste caso, as regras sintácticas) da língua dominante, o português, estão mais acessíveis que os da língua não usada, o alemão, e que é necessário maior estímulo, isto é, um maior *input*, para os reactivar.

6. Conclusão

O presente trabalho teve como objectivo analisar a ocorrência de erosão sintáctica no alemão de falantes bilingues luso-alemães que perderam o contacto regular com a sua L2. Destacando a importância do factor *idade* em situações de perda de competência linguística, este estudo pretendeu contribuir com novos dados para o debate em torno da maleabilidade maturosciente da nossa faculdade linguística.

Por um lado, muitos estudos centrados na aquisição de uma L2 confirmam a influência crucial do factor *idade* sobre o processo de aquisição linguística, demonstrando que existem períodos sensíveis, durante os quais as diferentes componentes linguísticas são adquiridas de forma nativa. Um dos pressupostos centrais destes

estudos (para uma visão geral *cf.* Long, 1993, e Hyltenstam & Abrahamsson, 2003) baseia-se na ideia de que a Gramática Universal, com a qual o bebê nasce, se torna inacessível após o período crítico para a aquisição da língua. No caso de aprendizagens mais tardias, o falante tem de recorrer a outras capacidades cognitivas para compensar aquelas que deixaram de estar disponíveis (Meisel, 2007a).

Por outro lado, a investigação desenvolvida no domínio da perda da língua durante a infância (Kaufman, 2001; Kaufman e Aronoff, 1991; Olshtain, 1986; Seliger, 1989; Tomiyama, 2000; Turian e Altenberg, 1991) realça a vulnerabilidade da competência linguística das crianças e a sua susceptibilidade a fenómenos de transferência interlinguística.

Ambos os domínios de investigação reforçam, portanto, o pressuposto de que a nossa faculdade linguística depende de maturação biológica. Após passar por períodos sensíveis, durante os quais as diferentes componentes linguísticas são adquiridas, a capacidade do homem adquirir novas línguas decresce consideravelmente. Todavia, este desenvolvimento madurescente também faz com que a criança se esqueça mais facilmente de uma língua quando perde o contacto regular com a mesma. Neste sentido, assume-se que o saber linguístico da criança tem de se estabilizar totalmente na sua mente para se tornar impermeável a fenómenos de erosão.

O presente trabalho sustenta este pressuposto, ao demonstrar que as crianças apresentam maiores dificuldades na conservação de conhecimento gramatical previamente adquirido, sugerindo o período em torno dos 11 anos como idade crítica.

Bibliografia

- ALTENBERG, E. (1991). «Assessing first language vulnerability to attrition». In H. SELIGER & R.VAGO (eds.), *First Language Attrition: Structural and Theoretical Perspectives*, 189-206. Cambridge: Cambridge University Press.
- DE BOT, K. (1996). «Language loss». In H. GOEBL *et al.* (orgs.), *Kontaktlinguistik. Contact Linguistics. Linguistique de contact*, 579-585. Berlin/New York: De Gruyter.
- DE BOT, K., GOMMANS, P. & ROSSING, C. (1991). «L1 loss in an L2 environment: Dutch immigrants in France». In H. W. SELIGER & R. M. VAGO (eds.), *First language attrition*, 87-98. Cambridge: Cambridge University Press.

- DE BOT, K. & WELTENS, B. (1991). «Recapitulation, regression and language loss». In H. SELIGER & R. VAGO (eds.), *First language attrition: Structural and theoretical perspectives*, 31-52. Cambridge: Cambridge University Press.
- CLAHSEN, H. (1990). «Constraints on parameter setting. A grammatical analysis of some acquisition stages in German child language», *Language Acquisition*, 1, 361-391.
- COHEN, A. (1989). «Attrition in the productive lexicon of two Portuguese third language speakers», *Studies in Second Language Acquisition*, 11 (2), 135-149.
- DALLER, H. & GROTJAHN, R. (1999). «The Language Proficiency of Turkish Returnees from Germany: An Empirical Investigation of Academic and Everyday Language Proficiency», *Language, Culture and Curriculum*, 12 (2), 156-172.
- DUPOUX, E. *et al.* (1998): «The bilingual brain. Proficiency and age of acquisition of the second language», *Brain*, 121, 1841-1852.
- FLORES, C. (2007), «Language Attrition: uma sinopse das principais questões de investigação», *Diacrítica*, 21 (1), 107-126.
- (2008). *A competência sintáctica de falantes bilíngues regressados a Portugal. Um estudo sobre erosão linguística*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade do Minho.
- FRANCIS, N. (1999). «Maturational Constraints in Language One and Language Two: A Second Look at the Research on Critical Periods», *Bilingual Research Journal*, 23 (4), 319-345.
- GREEN, D. W. (1986). «Control, activation and resource: a framework and a model for the control of speech in bilinguals», *Brain and Language*, 27, 210-223.
- GROSJEAN, F. (2001). «The Bilingual's Language Modes». In J. NICOL (ed.), *One Mind, Two Languages. Bilingual Language Processing*, 1-22. Oxford, MA: Blackwell.
- GÜREL, A. (2004). «Selectivity in L2-induced L1 attrition: a psycholinguistic account», *Journal of Neurolinguistics*, 17 (1), 53-78.
- HÅKANSSON, G. (1995). «Syntax and morphology in language attrition: a study of five bilingual expatriate Swedes», *International Journal of Applied Linguistics*, 5 (2), 153-171.
- HAKUTA, K. & D' ANDREA, D. (1992). «Some Properties of Bilingual Maintenance and Loss in Mexican Background High-School Students», *Applied Linguistics*, 13 (1), 72-99.
- HANSEN, L. (1999). «Not a total loss: The attrition of Japanese negation over three decades». In L. HANSEN (ed.), *Second language attrition in Japanese contexts*, 142-153. Oxford: Oxford University Press.

- HANSEN, L. & SHEWELL, J. (2002). «Keeping a second language: the influence of literacy and motivation in the attrition of Japanese, Chinese and Korean», *Korean Journal of Applied Linguistics*, 18 (2), 61-83.
- HYLTENSTAM, K. & ABRAHAMSSON, N. (2003). «Maturational constraints in second language acquisition». In C. DOUGHTY & M. LONG (eds), *Handbook of Second Language Acquisition*, 539-588. Oxford: Blackwell.
- JOHNSON, J. & NEWPORT, E. (1989). «Critical Period Effects in Second Language Learning: The Influence of Maturational State on the Acquisition of English as a Second Language», *Cognitive Psychology*, 21, 60-99.
- JORDENS, P. (1990). «The Acquisition of Verb Placement in Dutch and German», *Linguistics*, 28, 1407-1448.
- KAUFMAN, D. (2001). «Tales of L1 attrition - Evidence from pre-puberty children». In T. AMMERLAN, M. HULSEN, H. STRATING & K. YAMUR (eds.), *Sociolinguistic and psycholinguistic perspectives on maintenance and loss of minority languages*, 185-202. Münster: Waxmann.
- KAUFMAN, D. & ARONOFF, M. (1991). «Morphological disintegration and reconstruction in first language attrition». In H. W. SELIGER & R. M. VAGO (eds.), *First language attrition*, 175-188. Cambridge: Cambridge University Press.
- KIRSCHNER, C. (1996). «Language Attrition and the Spanish-English bilingual: A case of syntactic reduction», *Bilingual Review*, 21 (2), 123-130.
- KÖPKE, B. (1999). *L'attrition de la première langue chez le bilingue tardif: implications pour l'étude psycholinguistique du bilinguisme*. Tese de doutoramento não publicada. Université de Toulouse-LeMirail.
- (2004). «Neurolinguistic aspects of attrition», *Journal of Neurolinguistics*, 17 (1), 3-30.
- KÖPKE, B. & SCHMID, M. (2004). «Language attrition: The next phase». In M. SCHMID, B. KÖPKE, M. KEIJZER & L. WEILEMAR (eds.), *First language attrition: Interdisciplinary perspectives on methodological issues*, 1-47. Amsterdam: John Benjamins.
- KUHBERG, H. (1992). «Longitudinal L2-attrition versus L2-acquisition, in three Turkish children - empirical findings», *Second Language Research*, 8 (2), 138-154.
- LENNEBERG, E. (1967). *Biological Foundations of Language*. New York: John Wiley.
- LONG, M. (1993). «Second language acquisition as a function of age: research findings and methodological issues». In K. HYLSTENSTAM & A. VIBERG (eds.), *Progression and regression in language*, 196-221. Cambridge: Cambridge University Press.

- MEISEL, J. M. (2001). «The simultaneous acquisition of two first languages: Early differentiation and subsequent development of grammars». In J. CENOS & F. GENESEE (eds.), *Trends in Bilingual Acquisition*, 11-41. Amsterdam: John Benjamins.
- (2007a) «Child Second Language Acquisition or Successive First Language Acquisition?», *Arbeiten zur Mehrsprachigkeit. Working Papers in Multilingualism. Folge B 80*, 33 - 64.
- (2007b): «On Autonomous Syntactic Development in Multiple First Language Acquisition», *Arbeiten zur Mehrsprachigkeit. Working Papers in Multilingualism. Folge B 80*, 95-122.
- MEISEL, J. & MÖHRIG, A. (2003). «The Verb-Object Parameter in simultaneous and successive acquisition of bilingualism». In N. MÜLLER (ed.), *(In)vulnerable domains in Multilingualism*, 295-334. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- NICOLADIS, E./GRABOIS, H. (2002): «Learning English and losing Chinese: A case study of a child adopted from China», *International Journal of Bilingualism* 6 (4), 441-454.
- OLSHTAİN, E. (1986): «The attrition of English as a second language with speakers of Hebrew». In K. WELTENS, K. DE BOT & T. VAN ELS (eds.), *Language Attrition in Progress*, 187-204. Dordrecht: Foris.
- OYAMA, S. C. (1982): «The sensitive period and comprehension of speech». In S. KRASHEN & R. SCARCELLA (eds.), *Child-adult differences in second language acquisition*. Rowley: Newbury, 39-51.
- PALLIER, C. (2007): «Critical periods in language acquisition and language attrition», in B. KÖPKE, M. SCHMID, M. KEIJZER & S. DOSTERT (eds), *Language Attrition: Theoretical perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 155-168.
- PALLIER, C./DEHAENE, S./POLINE, J.-B./LEBIHAN, D./ARGENTI, A.-M./DUPOUX, E./MEHLER, J. (2003): «Brain Imaging of Language Plasticity in Adopted Adults: Can a Second Language Replace the First?», *Cerebral Cortex* 13,155-161.
- PARADIS, M. (1993). «Linguistic, psycholinguistic, and neurolinguistic aspects of interference in bilingual speakers: the activation threshold hypothesis», *International Journal of Psycholinguistics*, 9 (2), 133-145.
- (2004). *A Neurolinguistic Theory of Bilingualism*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.
- PATKOWSKI, M. (1982). «The sensitive period for the acquisition of syntax in a second language». In S. KRASHEN & R. SCARCELLA (eds.), *Child-adult differences in second language acquisition*, 52-63. Rowley: Newbury.
- PENFIELD, W. & ROBERTS, L. (1959). *Speech and Brain Mechanisms*, New York: Athenaeum.

- ROTHWEILER, M. (2006). «The acquisition of V2 and subordinate clauses in early successive acquisition of German». In C. Lleó (ed.), *Interfaces in Multilingualism*, 91-113. Amsterdam: John Benjamins.
- SCHMID, M. (2002). *First language attrition, use, and maintenance. The case of German Jews in anglophone countries*. Amsterdam: John Benjamins.
- SCHOENMAKERS-KLEIN GUNNEWIEK, M. (1989). «Structural aspects of the loss of Portuguese among migrants: a research outline», *Review of Applied Linguistics*, 83-84, 99-124.
- SELIGER, H. W. (1989). «Deterioration and creativity in childhood bilingualism». In K. HYLSTENSTAM & L. K. OBLER (eds.), *Bilingualism across the lifespan*, 173-184. Cambridge: Cambridge University Press.
- SHARWOOD SMITH, M. A. (1989). «Crosslinguistic influence in language loss». In K. HYLSTENSTAM & L. K. OBLER (eds.), *Bilingualism across the lifespan*, 185-201. Cambridge: Cambridge University Press.
- SHARWOOD SMITH, M. & VAN BUREN, P. (1991). «First Language Attrition and the Parameter Setting Model». In H. SELIGER & R. VAGO (eds.), *First Language Attrition* P, 17-30. Cambridge: Cambridge University Press.
- SORACE, A. (2004). «Native language attrition and developmental instability at the syntax-discourse interface: Data, interpretations and methods», *Bilingualism: Language and Cognition*, 7 (2), 143-145.
- TOMIYAMA, M. (2000). «Child second language attrition: a longitudinal case study», *Applied Linguistics*, 21 (3), 304-332.
- TSIMPLI, I., SORACE, A., HEYCOCK, C. & FILIACI, F. (2004). «First language attrition and syntactic subjects: A study of Greek and Italian near-native speakers of English», *International Journal of Bilingualism*, 8 (3), 257-277.
- TURIAN, D. & ALTENBERG, E. P. (1991). «Compensatory strategies of child first language attrition». In H. W. SELIGER & R. M. VAGO (eds.), *First language attrition*, 207-226. Cambridge: Cambridge University Press.
- UNSWORTH, S. (2005). *Child L2, Adult L2, Child L1: Differences and Similarities. A Study on the Acquisition of Direct Object Scrambling in Dutch*. Utrecht: LOT.
- VENTUREYRA, V. & PALLIER (2004). «In search of the lost language: The case of adopted Koreans in France». In M. SCHMID, B. KÖPKE, M. KEIJZER & L. WEILEMAR (eds.), *First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues*, 207-221. Amsterdam: John Benjamins.
- WATZINGER-THARP, J. (2006). «German Weil-Clauses: Current Research and Its Implications for the L2 Classroom», *Die Unterrichtspraxis – Teaching German*, 39 (1-2), 46-54.

